

ESTADOS UNIDOS

Livre expressão sob mordadaça



Trump ameaça revogar licenças de emissoras de televisão que o criticarem, move processos bilionários contra jornais e elogia suspensão do humorista Jimmy Kimmel. Medidas acendem alerta sobre ataques à Primeira Emenda da Constituição

» RODRIGO CRAVEIRO

Está escrito na Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos: “O Congresso não fará nenhuma lei que estabeleça uma religião, ou que proíba o livre exercício dela; ou que restrinja a liberdade de expressão ou de imprensa; ou o direito do povo de se reunir pacificamente e de fazer petições ao Governo para reparação de queixas”. Uma das pedras basílicas da Carta Magna, adotada há 234 anos, foi colocada à prova pelo presidente Donald Trump em uma série de retaliações ao assassinato do ativista conservador Charlie Kirk, cofundador do movimento republicano “Turning Point USA”.

Além de assinar uma ordem executiva para considerar os Antifa, difusos grupos radicais de esquerda, como organização terrorista, Trump ameaçou revogar as concessões de emissoras de televisão que sejam “contra ele” e processou o jornal *The New York Times* em US\$ 15 bilhões (R\$ 79,9 bilhões) por difamação e calúnia. A ação de 85 páginas foi rejeitada pelo juiz federal Steven Merryday, da Flórida, que a classificou como “inapropriada e inadmissível”.

Não foi a primeira vez que o republicano tentou usar a Justiça para silenciar veículos que considera hostis ao seu governo. Em julho, Trump pediu US\$ 10 bilhões (R\$ 53,3 bilhões) em reparação ao *The Wall Street Journal* depois da publicação de uma carta obscena supostamente enviada pelo presidente a Jeffrey Epstein, um falecido financista americano que foi acusado de tráfico sexual e pedofilia.

Na esteira do atentado contra Kirk, o presidente também celebrou a suspensão do programa do humorista Jimmy Kimmel pela emissora ABC. Kimmel sugeriu que Trump utilizava a morte de Kirk para ganhar capital político, o que teria enfurecido o presidente.

Homenagens

Ontem, o chefe da Casa Branca e funcionários de alto escalão de seu governo participaram do funeral de Kirk, que reuniu aproximadamente 100 mil pessoas no Estádio State Farm, em Glendale, onde fica a sede da Turning Point USA, organização fundada pelo ativista. Trump, o vice-presidente J.D. Vance, o secretário de Estado, Marco Rubio, e o secretário de Guerra, Pete Hegseth discursaram na cerimônia, realizada sob forte esquema de segurança.

Ao sair da Casa Branca para voar ao Arizona, o presidente norte-americano assegurou que o tributo tem como objetivo “celebrar a vida de um grande homem”. “Realmente um grande homem”, repetiu, acrescentando: “Será um dia muito duro”.

Mario Tama/Getty Images/AFP



Protesto diante de estúdio onde o programa de Jimmy Kimmel é gravado: “Tirem as mãos da minha liberdade de expressão”

Getty Images via AFP



Cerimônia em memória do ativista Charlie Kirk leva milhares a estádio no Arizona

Para tentar preservar a Primeira Emenda à Constituição, congressistas do Partido Democrata anunciaram, na última quinta-feira, que preparam um projeto de lei voltada à proteção da liberdade de expressão. O senador Chris Murphy criticou a sanção

a Kimmel. “Isso é censura. Um controle estatal da palavra. Isso não é os Estados Unidos”, reagiu.

Trump também foi acusado de assediamento de escritórios de advocacia. As universidades mais tradicionais do país, como

Harvard e Columbia, foram alvo de campanhas de perseguição, sob a justificativa de que semeariam o pensamento antissemita e de servirem como terreno fértil para a propagação da ideologia “woke” — denominação pejorativa usada pela direita para se referir às políticas de promoção da diversidade. Durante as entrevistas coletivas na Casa Branca, não raro o presidente responde a jornalistas com ofensas.

Proveito político

Diretor de Advocacia Pública da organização não governamental Foundation for Individual Rights and Expression (FIRE) — Fundação pelos Direitos e Expressões Individuais, pela tradução livre —, Aaron Terr disse que o assassinato de Kirk foi um “ato horrível de violência política”. “Palavras nunca devem ser respondidas com violência, mas também não devem ser respondidas com censura. No entanto, o governo Trump está aproveitando essa tragédia para intensificar seus ataques à liberdade de expressão. A campanha contra universidades, escritórios de advocacia e veículos de comunicação estava em andamento. Agora, até os comediantes precisam ter cuidado com o que dizem”, disse ao *Correio*.

Eu acho...



Arquivo pessoal

“A crescente disposição de Trump de exercer o poder governamental para controlar o discurso público é algo alarmante. Os políticos estão até invocando rótulos vagos, como ‘discurso de ódio’ e ‘desinformação’, o que, na prática, lhes daria autoridade ilimitada para reprimir a dissidência. Agora é a hora de os americanos de todo o espectro político reafirmarem a liberdade de expressão como valor social fundamental.”

Aaron Terr, diretor de Advocacia Pública da Foundation for Individual Rights and Expression (Fundação pelos Direitos e Expressões Individuais, FIRE)

Historiador político da American University (em Washington), Allan Lichtman vê um “ataque sem precedentes à livre expressão nos EUA”. “Isso contraria a Primeira Emenda da Constituição, que os redatores elaboraram especificamente para proteger o discurso crítico à autoridade, para que a nação não voltasse a ser submetida à tirania que a Revolução Americana derrubou”, disse à reportagem. “A intenção de Trump de silenciar seus críticos segue o manual dos ditadores modernos. Os ditadores da União Soviética exigiam o registro de todas as máquinas de escrever para impedir qualquer crítica ao seu regime. Um dos primeiros atos dos nazistas de Hitler foi queimar livros considerados perigosos para sua ditadura.”

Por sua vez, Rebecca Tushnet, professora da Primeira Emenda da Constituição na Faculdade de Direito da Universidade de Harvard, admitiu ao *Correio* que Trump deseja governar como um autoritário. “A única questão é se as instituições irão se levantar contra ele”, observou. “Ele está preparando o caminho para evitar uma transferência pacífica de poder. Considero a ideia do ‘autoritarismo competitivo’ muito útil — onde há eleições e a imagem da democracia, mas enormes barreiras ao sucesso da oposição. Isso é claramente algo que Trump e seus comparsas gostariam de ver nos EUA.”

ISRAEL SOB PRESSÃO

Mais quatro países reconhecem a Palestina

Na véspera da abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, reagiu com indignação ao reconhecimento do Estado da Palestina por Reino Unido, Portugal, Canadá e Austrália. “Tenho uma mensagem clara para esses dirigentes que reconheceram um Estado palestino depois do horrendo massacre de 7 de outubro: vocês estão dando uma enorme recompensa ao terrorismo”, afirmou Netanyahu, de seu gabinete. “E tenho outra mensagem para vocês: isso não acontecerá. Não será estabelecido nenhum Estado palestino a oeste do rio Jordão”, garantiu.

Um número crescente de países, por muito tempo próximos a Israel, já deu o passo simbólico de fazer o reconhecimento nos últimos meses, apesar das fortes pressões dos Estados Unidos e de Netanyahu. Atualmente, 151 dos 193 membros da ONU — quase 80% — considera a soberania da Palestina, e a França deve juntar-se,

em breve, a essas nações. O presidente francês, Emmanuel Macron, porém, disse ontem à emissora CBS News que só abrirá uma embaixada francesa em território palestino quando o Hamas libertar os reféns israelenses ainda sob o jugo do grupo armado em Gaza.

Esperança de paz

Reino Unido e Canadá são os dois primeiros países do G7, o grupo que reúne as nações mais ricas do mundo, a reconhecerem um Estado palestino. O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, explicou que tomou a decisão para “reviver a esperança de paz e de uma solução de dois Estados”. Essa também foi a justificativa do premiê canadense, Mark Carney. Em um comunicado, ele afirmou que a medida se insere “no marco de um esforço internacional coordenado destinado a preservar a possibilidade de uma solução de dois Estados”.

Na Austrália, o chefe de governo, Anthony Albanese, defendeu “as aspirações legítimas e de longa data do povo da Palestina de ter um Estado próprio”. Já o chanceler de Portugal, Paulo Rangel, afirmou que o país europeu “defende a solução de dois Estados como o único caminho para uma paz justa e duradoura, que promova a convivência e as relações pacíficas entre Israel e Palestina”.

A criação do Estado da Palestina será tratada hoje em uma cúpula liderada por França e Arábia Saudita, à margem da Assembleia da ONU. Em nota, a chancelaria de Israel afirmou que a medida “não favorece a paz”. Já o ministro da Segurança Nacional israelense, Itamar Ben Gvir, ameaçou anexar a Cisjordânia imediatamente. Netanyahu também falou em expansão dos assentamentos israelenses. “Durante anos, impedi a criação deste Estado terrorista, apesar da enorme pressão”, afirmou.

“Dobramos o número de assentamentos judaicos em Judeia e Samaria e

continuaremos por esse caminho.” Netanyahu garantiu, ainda, que o reconhecimento da soberania palestina “colocaria em risco nossa existência”.

Reação

O presidente palestino, Mahmud Abbas, declarou que o reconhecimento do Estado da Palestina pelo Reino Unido é “um passo importante e necessário para uma paz justa e duradoura”. A agência France Presse (AFP), Mahmud Mardauwi, do Hamas, disse que se trata de “uma vitória para os direitos do povo palestino”.

Keir Starmer reagiu à acusação do governo israelense de que estaria “recompensando o Hamas”. Ele destacou que, embora reconheça a soberania da Palestina, Londres adotará novas sanções contra o movimento islâmico, reiterando o apoio pela libertação dos reféns israelenses ainda em cativeiro.



Mulheres e crianças palestinas rumo ao campo de refugiados Bureij, em Gaza